

2000
Contos de encantar
HISTÓRIA DE ESPANTARATOS,
ESPIRRACANIVETES E
NÃO TERALES
L. 36393 P.



12.
36393 P.

Contos de Encantar

n.º 35

*Reservados todos os direitos,
conforme a legislação em vigor.*

VIRGÍNIA DE CASTRO E ALMEIDA

DEP. LEG.

L. 36393



História
de Espantaratos, Espirra-
canivetes e Não terales

(BONECOS DE PAM)

19.161867

LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
LISBOA 1944

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF TORONTO

Historia
de España, tomo 1.
con vistas a la historia

LIBRARY

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

História de Espantaratos, Espirracanivetes e Nãooterales

Era uma vez um mercador que vivia na Pérsia em tempos antigos. Tinha muitas riquezas: armazéns cheios de mercadorias e muitos navios que as trans-

portavam e vendiam por
esses portos de mar onde
abordavam.

O mercador chamava-se
Ali Nanzuk e tinha três
filhos, todos perfeitos e lin-
dos rapazes. O mais velho
chama-se Espantaratos; o
segundo chamava-se Espir-
racanivetes; o terceiro cha-
mava-se Nãoterales.

Um dia o mercador Ali

Nanzuk mandou chamar os três filhos à sua presença e disse-lhes assim:

«Vou-me sentindo velho e preciso saber o que vocês valem para destinar o que hei-de deixar a cada um quando chegar ao cabo da minha vida. Mas para saber o que vocês valem é preciso experimentá-los. Vou mandá-los por êsse mundo fora.

No fim de um ano voltarão aqui e verei então o que cada um foi capaz de fazer. Assim ficarei sabendo o que vocês valem. Vou dar um presente a cada um e com êsse presente se hão-de governar, porque durante um ano não quererei saber mais de vocês nem lhes darei mais nada.»

Deu a Espantaratos uma

bolsa com dinheiro e um cavalo; a Espirracanivetes uma bolsa com dinheiro e um cão; e deu a Nãoterales uma bolsa com dinheiro e um galo.

Espantaratos foi logo fechar-se no seu quarto e abriu o saco; viu que estava cheio de moedas de ouro e ficou muito contente.

—Vou fazer um vistão

por êsse mundo fora — disse
êle de si para si.

Vendeu o cavallo que o
pai lhe dera porque não o
achou muito bom e tratou
logo de comprar um outro
cavalo muito mais bonito
e esplêndidos arreios; e
comprou uma mula rija
para carregar a bagagem.
Ajustou um criado. Foi ao
melhor alfaiate da cidade e

encomendou para si uns poucos de fatos ricos e lindas librés vistosas para o criado. Depois de pagar tôdas estas coisas, viu que tinha gasto quási metade do dinheiro. Não se importou. Pensou:

— Quando eu aparecer em qualquer terra com todo êste luxo, tôda a gente pensará que sou um príncipe

disfarçado; e não me faltarão noivas ricas.

Despediu-se do pai e dos irmãos e abalou por êsse mundo fora todo cheio de presunção.

Espirracanivetes, o segundo filho do mercador, também se fechou no seu quarto com a bolsa de dinheiro e o cão. Viu que

a bolsa estava cheia de moedas de prata e atirou com ela para cima da mesa, todo zangado, dizendo em voz alta:

— De que me servem estas moedas de prata? Isto não chega sequer para um mês, quanto mais um ano!

— Pois é, — disse o cão com uma voz esganiçada. — Tens que puxar pela cabeça.

Ora aquêlê cão era muito amigo de Nãoterales e costumava conversar com êle. Mas com Espirracanivetes nunca falava porque não gostava dêles. Nãoterales tinha-lhe pôsto o nome de Poizé porque o cão começava sempre por dizer «Pois é» quando falava.

Espirracanivetes ficou

pasmado. Nunca tinha ouvido um cão falar. Não sabia que os cães podiam falar.

Respondeu:

— Se eu fôr por esse mundo e tu falares quando eu mandar, ganharei muito dinheiro.

— Pois é, — disse o cão — Mas eu não falo, senão quando quero.

Espirracanivetes zangou-se:

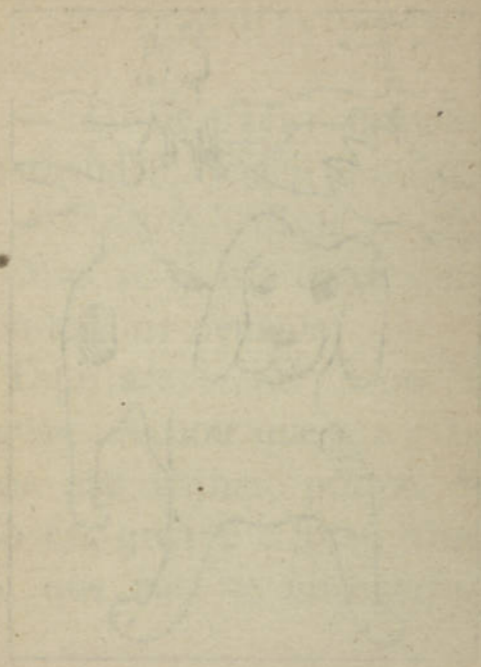
—Hás-de falar quando eu mandar. Senão apanhas.

—Pois é,—disse o cão
—Mas se tu me bateres eu dou-te uma dentada.

Espirracanivetes ficou a cismar. Achou que era melhor não teimar, porque o cão era grande e forte. Fingiu que não se importava.



XXXV-2



Foi comprar um burro e uns ceirões, algum fato e farnel, carregou o burro, saltou-lhe para cima e pôs-se a caminho com o cão atrás.

Nãoterales ficou muito contente com o galo. O galo era muito bonito e cantava muito bem. Quando o rapaz chegou ao seu quarto,

o galo empoleirou-se nas costas de uma cadeira, bateu as asas com grande estrondo e gritou com quantas fôrças tinha:

— Cocorico!

— Bem sei, — respondeu Nãoterales. — O que tu queres é uma companheira.

E abrindo a bôlsa, viu que estava cheia de moedas de cobre e que aquilo che-

gava para as suas compras. Fechou o galo no quarto e saindo, foi até ao mercado, a assobiar, contente da sua vida.

Comprou uma galinha, um saco, um cêsto, um cacete, dois pães, um queijo, uma medida de milho e um frasco de vinho. Voltou para casa, meteu o galo e a galinha dentro do cêsto, e o

farnel é algum fatito dentro do sacco, pôs o cacete ao ombro com o sacco pendurado numa ponta e o cêsto noutra, foi despedir-se do pai e abalou.

Quando chegou às portas da cidade, encontrou os seus dois irmãos. Espantatos ia tão soberbo no seu lindo cavallo com o seu fatorico e o criado de libré

montado na mula, que se envergonhou de falar ao Nãoterales e fingiu que não o conhecia. E Espirracanivetes estava tão envergonhado e furioso de ir montado no burro com Poizé atrás que também passou pelo irmão mais novo sem lhe dizer adeus.

Mas Nãoterales não se amofinou. Foi seguindo o

seu caminho, a assobiar,
todo contente da sua vida.
Dizia de si para si:

— Espantaratos vai carregado de soberba; Espirracanivetes vai carregado de inveja e de fúria. Nem a soberba, nem a inveja, nem a fúria ajudam a gente.

Nãoterales tinha bons miolos e bom coração: isto era uma grande riqueza que

Deus lhe dera sem êle saber.

Lá ia pelo caminho fora, a assobiar uma moda alegre. De vez em quando o galo espetava a cabeça para fora do cêsto e gritava com quantas fôrças tinha:

— Cocorico!

E Nãoterales punha-se a rir e dizia ao galo:

— Bem sei. O que tu

queres é ver-te daí para fora. Mas não sais tão cedo dêsse cêsto. Só virás cá para fora quando eu encontrar uma terra onde não haja galos nem galinhas.

O galo e a galinha, cheios de curiosidade, espetaram as cabeças para fora do cêsto e começaram a fazer grandes esforços para falar. Depois de muitas dili-

gências e de gritos muito esquisitos o galo conseguiu dizer:

Porqué? Porqué? Porqué?

A galinha também queria dizer qualquer coisa. Abria o bico, punha a cabeça ao lado, espremia-se quanto mais podia; e tanto se espremeu que acabou por pôr um ovo. Mas a res-

peito de falar, nada. Era só:

—Co... co... co...
cocoro... — e não passava dali.

Tinham andado muito e já era sol-pôsto. E o galo já tinha soltado o seu grito de Trindades:

—Cocorico!

Nãoterales disse assim:

—Vai cantando, vai. Mas

não sais do cêsto senão
numa terra onde não haja
galos nem galinhas.

E o gaço, muito pronto:

— Porqué? Porqué? Por-
qué?

— Ora por que há-de ser,
meu pateta? — respondeu
Nãoterales. Nas terras onde
haja galos e galinhas nin-
guém me dará por vocês
senão cinco réis de mel

coado. Mas numa terra onde nunca tenham visto um galo, já se vê que ficam todos espantados.

— Porqué? Porqué? Porqué? — perguntou o galo.

— Ora por que há-de ser, meu estúpido? — respondeu Nãoterales. Tôda a gente se espanta de ver uma coisa que nunca viu e logo lhe dá um grande valor.

A conversa ficou por aqui porque já era sol-pôsto e o galo estava a cair de sono.

Nãoterales tirou do sacco uma mão-cheia de milho para os seus companheiros encherem o papo; cortou uma fatia de pão e uma lasca de queijo para a sua ceia e chupou o ôvo que a galinha tinha pôsto. Depois estendeu-se em cima de

umas fôlhas sêcas e acomodaram-se todos para dormir.

Como já se disse, o pai dos três rapazes, o mercador Ali Nanzuk, tinha dado ao filho mais velho que era o Espantaratos, um cavalo. E o rapaz entendeu que o cavalo não era bastante vistoso e não quis saber dêle. Foi comprar logo outro.

Ora o tal cavallo que êle desprezara, chama-se Pédevento e era rijo e ligeiro como poucos. Todos os cavalos das estrebarias do mercador gostavam muito de Nãoterales e pouco se importavam com Espantarratos e Espirracanivetes. De modo que quando Pédevento se viu desprezado e abandonado por Espantara-

tos, começou logo à procura de Nãoterales. Mas como havia de o encontrar?

Entretanto, o segundo filho do mercador, Espirracanivetes, lá ia seguindo a sua jornada montado no burro e seguido pelo cão falante Poizé. Mas Poizé ia calado que nem um rato e muito triste porque Espirracanivetes não fazia caso

dêle e dava-lhe pouco de comer. Até que Poizé, aborrecido com aquêles tratamentos, disse de si para si:

— Quem me manda a mim ser tolo? Vou mas é à procura de Nãoterales porque êsse é meu amigo e trata-me bem.

E uma noite, abalou e não quis mais saber de Espirracanivetes. De nariz

no chão, à procura do rasto de Nãoterales, lá foi por êsses campos desertos, com o seu coração de bom cão fiel cheio de amor por Nãoterales.

Nãoterales caminhou durante três dias e três noites por aquêles campos fora. Era um grande deserto. Só areia e rochedos. O far-

nel ia-se acabando e Não te-
rales poupava-o o mais que
podia mas estava a ver que
acabaria por morrer de
fome. Apesar disso não
perdia o ânimo e dizia de
si para si:

— Deus há-de acudir-me.
O que é preciso é não per-
der coragem.

De vez em quando lá
encontrava uma pocita de

água salobre e bebia e dava de beber ao galo e à galinha, descansava um pouco e punha-se de novo a caminho. Falava com o galo e com a galinha, fazia-lhes festas e forçava-se a cantar ou assobiar modinhas alegres para espantar o medo e a tristeza.

Um dia ao cair da tarde, começou a estender-se por

aquêle deserto uma névoa que foi crescendo até que por fim já não se via nada. Nãoterales parou. Deitou-se no chão e acomodou-se para dormir. E nisto ouviu uma galopada como se algum bicho pesado viesse a correr direito a êle; mas o nevoeiro era tão cerrado que não enxergava coisa alguma a dois passos.

— Vamos a ver o que sai daqui, — disse Nãoterales consigo.

E esperou, sem medo, porque Nãoterales não era medroso.

De repente um vulto grande atirou-se a êle. Sentiu dois braços à roda do seu pescoço e uma língua quente e úmida que lhe lambia a cara. Uma voz

esquisita e muito sua conhecida, disse-lhe assim:

— Pois é. Dois grandes amigos que vêm ter contigo.

Nã o terales levantou-se cheio de alegria.

— Ai meu Poizé! — suspirou êle todo contente. — Ai meu Pédevento! Louvado seja Deus por esta alegria que me dá de vos

tornar a ver. Mas como vieram vocês aqui ter comigo? Onde estão os meus irmãos?

Então o Poizé contou o que sabia do Espantaratos e do Espirracanivetes e assim conversaram muito tempo. Mas o nevoeiro ia sempre a mais e o Nãoteles disse aos seus companheiros:

— A gente não pode aqui ficar esta noite.

— Porqué? Porqué? Porqué? — berrou o galo.

— Pois é, — respondeu logo o cão. — Está a cair uma chuva miüdinha e se a gente adormece ao relento, apanhamos alguma constipação.

— Mas como há-de a gente andar nesta escuri-

dão? — perguntou Nãoteles.

— Pois é, — respondeu Poizé. — Mas deixa isso por minha conta que eu tenho bom faro no nariz e não preciso de ver para me guiar.

Então puseram-se a caminho: Poizé adiante de fociinho no chão, a farejar o caminho: Pédevento agar-

rou-lhe no rabo com os dentes para se não perder: Nãoterales pôs o cacete ao ombro com o cêsto e o sacco e filou-se à cauda do Pédeyento. Como já era meia-noite, o galo, que sempre cantava àquela hora, espetou a cabeça para fora do cêsto e gritou:

— Cocorico!

A galinha que também

queria fazer qualquer coisa e achava que os outros não faziam bastante caso dela, começou a espremer-se e acabou por pôr um ovo e disse com ares triunfantes:

— Co, . . . co . . . co . . . ;
cocoro . . .

— Está bom — disse Não-terales. — Já sabemos que temos um ovo amanhã para

o almoço. Mas vê se pões mais algum porque um ovo para tanta gente, não é grande coisa.

Desataram todos a rir e assim, com estas conversas e contentes da sua vida, lá foram seguindo a sua jornada.

Enquanto êles vão caminhando tratemos nós de saber o que aconteceu a

Espantaratos e a Espirracanivetes.

Espantaratos, todo soberbo, cuidando que ninguém lhe chegava em luxo e esplendor, foi andando por uma estrada fora até que chegou a uma grande cidade. Havia muito tráfico nas ruas e lojas muito bonitas e ricas. Espantaratos,

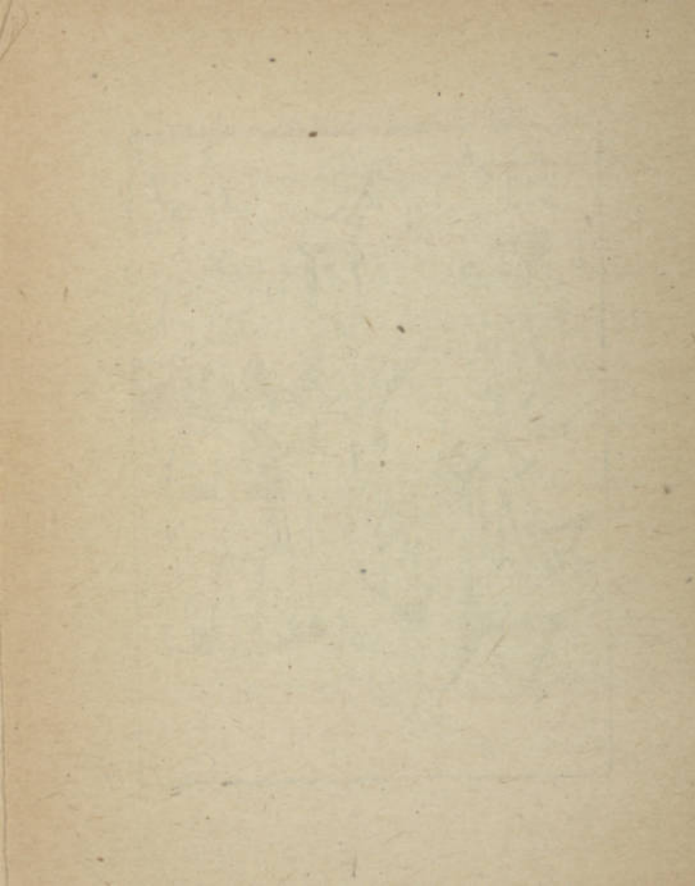
cheio de soberba, dizia de si para si:

— Agora é que eu vou fazer um vistão. Não faltarão princesas que queiram casar comigo.

Ora havia naquele dia umas grandes festas na cidade e entre elas um jôgo a cavalo em que os cavaleiros passavam a galope e tinham de enfiar as lanças

numas argolas penduradas. Era coisa difícil; era preciso habilidade e cavalos bem ensinados. Mas Espantartos ia tão cheio de soberba que não duvidou de ganhar o primeiro prémio. Foi logo inscrever-se e comprou uma lança e, quando chegou a hora de principiar o jôgo, lá estava êle, todo cheio de si, com o seu fato rico e





plumas no chapéu, no seu lindo cavalo e com o criado fardado, cuidando que ninguém tinha olhos senão para êle.

Havia muitos palanques todos cheios de flores e ricos panos brocados, e apinhados de senhoras muito lindas, vestidas com muito esplendor e cobertas de jóias. O nosso Espantaratos não

fazia senão esporear o cavalo para que êle se enfeitasse e desse nas vistas, e não tirava os olhos dos palanques a ver qual das senhoras o admirava mais. Por fim tocaram as trombetas a dar o sinal e lá partiram os cavaleiros à desfilada com as lanças apontadas às argolinhas.

O cavalo de Espantaratos

não estava ensinado para aquêles jôgo; assustou-se, deu dois pinotes, pôs-se em pé, desatou aos coices e ferrou com Espantaratos no chão. Cheio de vergonha e de fúria, Espantaratos levantou-se logo, saltou para cima do cavalo e enterrando-lhe as esporas na barriga, abalou direito às argolinhas.

Mas, olhando de relance

para os palanques viu que as senhoras riam às gargalhadas e o povinho que presenciara o trambolhão, fartava-se de gritar e de fazer troça. Mas Espantaratos ia tão soberbo que disse de si para si:

— Aquilo não é comigo.

E continuou na correria. A soberba é uma coisa que cega a gente. Espantaratos

cuidava que para ganhar o prémio bastava ter um fatico rico e um bonito cavalo.

Ora o cavalo não estava ensinado para aquilo; era um cavalo de cortesias de touros. E quando viu tôda aquela gente e ouviu aquela gritaria; cuidou que estava numa praça de touros e começou a avançar a passo levantado, a mascar o freio,

a recuar, a ladear, como os cavalos de cortesias costumam fazer. Foi então que Espantaratos percebeu que todo aquêlê povo ria dêle às gargalhadas e que as senhoras nos palanques se divertiam de grande à sua custa. Perdeu a cabeça, esporeou o cavalo, deu-lhe pancada com o cabo da lança; mas o cavalo não

fazia caso nenhum e continuava com as cortesias.

— Quem me mandou a mim desprezar e abandonar o Pédevento! — gritava o Espantaratos desesperado. — Se êle aqui estivesse, quem ganhava o prémio seria eu!

Mas agora era tarde; o arrependimento não servia de nada. O criado fardado

que não o conhecia e não se importava com êle, nada fazia para o ajudar. Estava ali a rir e a chalacear com os outros criados e não se importava para nada com o patrão.

Por fim Espantaratos tais coisas fêz naquela fúria em que estava, que acabou por cair do cavalo abaixo e quebrou uma perna. E lá o

levaram para o hospital; e a festa continuou sem ninguém pensar mais em Espantaratos.

Entretanto Espirracanivetes lá foi seguindo por uma estrada fora, montado no seu burro. Ia dizendo consigo:

— Que posso eu fazer com êste burro e com esta mão-cheia de moedas de

prata? Espantaratos é que
teve sorte. Com tanto
dinheiro e tanto luxo, não
é difícil conseguir seja lá o
que fôr. Demais a mais
Poizé abalou. Se o tivesse
comigo havia de o fazer falar
e ganharia muito dinheiro.
Mas o patife abalou. Tam-
bém, se um dia o apanho,
dou-lhe uma sova mestra.

O pobre Espirracanivetes

não sabia que nada se consegue à pancada e com maus modos.

Afinal chegou às portas de uma cidade. Os guardas perguntaram-lhe:

— Para onde vais? Que vens aqui fazer?

Espirracanivetes respondeu:

— Vou à feira. Vou lá vender o meu burro.

Os guardas deixaram-no entrar.

Lá foi andando por aquelas ruas, olhando para um lado e para o outro, até que foi dar a um grande largo onde havia uma feira.

Havia lá muito gado e bom, de modo que ninguém queria comprar o burro de Espirracanivetes que andava magro e mal tratado.

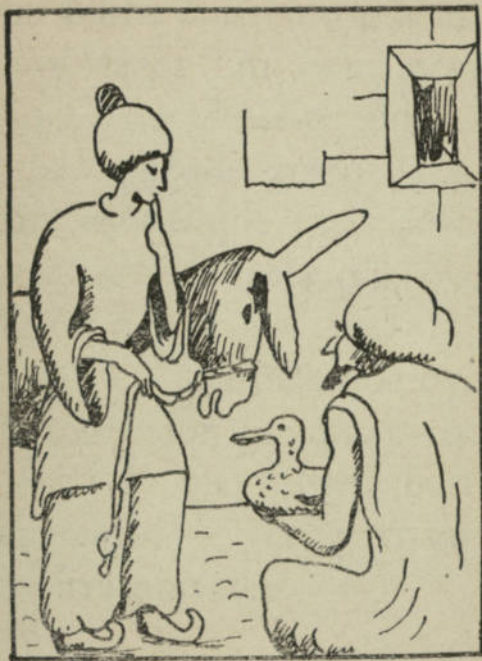
O Espirracanivetes arrepe-
lava-se todo e pensava:

— Se eu tivesse tratado
bem o burro e o Poizé,
nem o Poizé me tinha
fugido, nem o burro estaria
assim escanzelado; e ven-
deria aqui por bom dinheiro
o cão falante e o burro.
Faria um bom negócio.

Mas êstes pensamentos
não serviam de nada. Os

compradores não faziam caso do burro; nem para êle olhavam. Espirracanivetes desesperado, ia já abalar, quando viu um velho sentado numa sombra com uma pata branca muito linda ao colo. Quando Espirracanivetes passou, o velho chamou por êle e disse-lhe:

— Se quiseses trocar o



teu burro lazarento por esta pata, fazes um bom negócio. Vou dizer-te um segredo porque gosto da tua cara e vejo que estás desesperado. Esta pata põe ovos de ouro.

— Se a sua pata põe ovos de ouro, por que quere você trocá-la pelo meu burro lazarento? — perguntou Espirracanivetes.

— Porque esta pata só põe vinte ovos de ouro para cada pessoa que a compra, — respondeu o velho. — E já pôs vinte ovos para mim; e agora só torna a pôr quando passar para as mãos de outro dono.

Espirracanivetes ficou a cismar. Se aquilo fôsse verdade, teria êle a sua fortuna feita. Pegou na pata, virou-a

de um lado, virou-a do outro. Não sabia o que havia de fazer. Espirracanivetes não sabia fazer negócios. Não sabia fazer nada. Andara sempre em divertimentos e em brigas; nunca quisera trabalhar nem pensar. Por fim disse ao velho:

— Toma lá o burro e dá cá a pata. Mas se me mentiste, dou-te uma sova.

O velho montou no burro e sumiu-se entre a gente e o gado e Espirracanivetes nunca mais o viu. Pegou na pata e foi à procura de uma estalagem porque estava com fome. A estalagem encontrava-se cheia de gente. Espirracanivetes comeu e bebeu de grande, sempre com a pata ao colo, e todos olhavam para êle admirados

até que êle tirou a bôlsa de dinheiro da algibeira, para pagar o almôço. Então começaram a falar com êle. Um daqueles homens disse:

—Você é muito rico. Tem para aí um ror de moedas de prata.

Espirracanivetes responde muito pronto:

—Já se vê que sou rico.

Tenho aqui uma pata que põe ovos de ouro.

Todos aquêles homens desataram a rir, e um dêles disse:

—Você quiere divertir-se à nossa custa.

Espirracanivetes afoqueou-se todo. Zangava-se por pouco e estava pronto para brigar. Cuidava êle que tudo se resolvia à pancada.

Voltou-se para o homem e gritou-lhe:

—Você é um atrevido!

—Atrevido será você! — responde o outro e logo se embrulharam numa briga. Uns tomaram o partido do Espirracanivetes, outros o do homem, e daí a pouco estavam todos à pancadaria uns aos outros. Nisto apareceu a guarda. Uns fugiram,

outros foram presos. A pata e a bôlsa de dinheiro desapareceram e Espirracanivetes foi para a prisão com a cabeça rachada.

Por aquêle grande deserto onde deixamos o Nãoterales, êste ia seguindo o seu caminho através do nevoeiro com o Poizé, o Pédevento, o galo e a galinha. E acon-

teceu que o nevoeiro começou a levantar-se a mais e mais até que por fim desapareceu; e os viajantes viram diante de si à luz do sol nascente, uma alta montanha coberta de arvoredos. Da montanha desciam alguns regatos de água clara e fresca e entre as árvores havia muitos medronheiros carregados de frutos maduros;

e havia também muitos silvados cobertos de amoras maduras muito pretinhas que até faziam crescer a água na bôca.

— Vêem? — disse o Não-terales todo contente. — Se a gente se tivesse deitado a dormir no deserto, tínhamos decerto por lá morrido de fome, de sêde e de frio. Mas se não fôsse o Poizé que

nos ensinou o caminho,
como havíamos de sair
dali?

— Pois é, — respondeu
logo o Poizé. — Mas se não
fôsse a tua boa cabeça que
nos guiou. . . .

— O que é preciso assim
nas aflições, — tornou o
Nãoterales, — é a gente não
perder a cabeça nem a cora-
gem.

Beberam a quella água muito fresca, lavaram-se à vontade nos regatos e comeram os medronhos e as amoras. Depois, deitaram-se a dormir numa sombra, regaladamente.

O primeiro que acordou foi o Nãoterales.

—Vamos! Vamos! seus mandriões! — gritou êle. Toca a levantar! Toca a

andar! Para diante é que é o caminho!

Entre as árvores da floresta descobriram um carreirito que subia pela montanha acima.

— Pois é, — disse o cão.
— Mas o que precisamos é de música.

E começou a ladrar com quantas fôrças tinha; e logo o Pédevento desatou a rin-

char com tanta alegria que até as fôlhas das árvores riam às gargalhadas. O canto do galo parecia uma trombeta, e a galinha que não queria ficar atrás, cacarejava tanto que mal se ouvia a voz do Nãoterales a berrar as suas cantigas.

Assim começaram aquela sua jornada pela montanha acima, cheios de alegria e



de fé, certos de chegarem a bom fim.

O caminho era muito mau, cortado de ribanceiras, coberto de pedregulhos, às vezes tão enlameado que não davam dois passos sem escorregar e cair. Mas nunca desanimaram.

—Para diante é que é o caminho!—gritava o Não-terales.

E todos o seguiam cheios de confiança.

Andaram sete dias e sete noites. Mal paravam para comer, beber e descansar umas horas. Tal era o seu desejo de chegarem ao alto da montanha, que nem sentiam a canseira. Parecia-lhes até que de dia para dia ganhavam mais fôrça e mais coragem.

Por fim o Poizé que ia adiante, começou aos guinchos e aos pinotes.

— Pois é! — gritou êle.
— Já chegamos! Já chegamos!

Estavam no cimo da montanha.

Era um planalto enorme, a perder de vista; e no meio levantava-se uma cidade.

O Nãoterales, que levava

a sua idéia na cabeça, pediu a todos que se calassem e pôs-se à escuta. Era ao romper do dia e o galo estava morto por cantar, mas para obedecer ao Não-terales, nem abria o bico, nem sequer batia as asas.

Nãoterales, por mais que escutasse, não ouvia nenhum galo cantar. Afinal soltou um grande suspiro:

— Até que enfim! — disse
êle. — Ai, meu galito de
uma cana, agora é que nós
vamos fazer figura!

Levou o galo para o alto
de um rochedo e gritou-lhe:

— Vá! Toca a cantar o
melhor que puderes. Lá
vem o sol a nascer e tu
bem sabes que é tua obri-
gação cantar quando êle
nasce.

O galo, todo presumido, bateu as asas com tôda a fôrça e soltou o mais rijo e vibrante cocorico que jamais tinha soltado na sua vida.

Daí a pouco começou a aparecer gente do lado da cidade. Primeiro uma, duas pessoas, depois mais, até que por fim era uma multidão de gente.

E o galo, lá no alto do

rochedo, todo orgulhoso, dava passinhos para um lado, passinhos para o outro, rapava com as unhas no chão e não se calava:

—Cocorico! Cocorico!

O sol nascente, vermelho, brilhava-lhe nas lindas côres das penas que pareciam feitas de pedras preciosas.

Aquela gente estava pas-

mada; nunca tinham visto um galo na sua vida.

— O que é isto? O que é isto? — perguntavam êles uns aos outros.

Até que o Nãoterales avançou para êles todo resolutto e disse-lhes em voz alta e bem clara para que todos entendessem:

— Isto é um galo. Um animal sagrado que sabe

marcar o tempo. Canta ao nascer do sol, ao meio-dia, às Trindades e à meia-noite. A sua voz é como um clarim: ouve-se ao longe. A sua mulher chama-se galinha e põe ovos que são muito bons para comer.

Nisto Nãoterales tirou do cêsto a galinha que também quis fazer vista e, depois de muito cacarejar e rapar o

chão com as unhas, acocorou-se, espremeu-se e pôs um ovo lindo, muito grande e branco de neve.

— Pois é, — disse o Poizé, — mas isto não vai sem música.

E começou a ladrar com um vozeirão que ia tudo raso. E logo o Pédevento deu dois pinotes e desatou a rinchar com tanta alegria

que até parecia rir às gargalhadas.

Todo aquêlê povo estava pasmado.

— Mas de onde vens tu?
— perguntavam êles ao Não-terales, — e que bichos são êstes tão esquisitos? Fazem mal à gente?

— Êstes bichos — respondeu logo o Não-terales, são os maiores amigos dos

homens quando os homens os tratam bem e os estimam como êles merecem. Êste é o cão, companheiro fiel e defensor do seu dono; êste é o cavalo que o leva às costas seja para onde fôr e que o ajuda nos seus trabalhos. Pois vocês nunca viram um cão? Nunca viram um cavalo?

Então um velho avançou

para o Nãoterales e disse-
-lhe assim:

— Há um ror de anos,
no tempo dos avós dos
nossos avós, houve umas
grandes guerras e o nosso
povo fugiu lá das suas ter-
ras e escondeu-se nestas
montanhas onde ninguém
vem. Aqui temos vivido em
paz, cultivando a terra e
caçando e pescando nos

ribeiros. Mas quando os nossos avós fugiram, não puderam trazer nada consigo. Nem os seus haveres nem os seus animais. De modo que fomos esquecendo tôdas essas coisas e cá nos temos governado conforme podemos.

Nãoterales ouviu isto com muita atenção e começou a pensar no que havia de

fazer para ajudar aquela gente.

Nisto ouviram uma algazarra e viram avançar um andor trazido às costas de muitos homens. Em cima do andor vinha um velho muito lindo com umas barbas brancas de neve que lhe cobriam o peito e uma coroa de ouro na cabeça; e ao seu lado vinha a menina mais

perfeita e de maior beleza que o Nãoterales tinha visto em dias de sua vida. Trazia na cabeça uma coroa de rosas.

Todo o povo tirou logo os barretes e curvou-se em grandes cortesias, gritando:

— Viva o nosso rei! Viva a nossa princesa!

O rei e a princesa desceram então do andor e vie-

ram ter com o velho que estava a conversar com o Nãoterales.

— Cocorico! — berrou o galo.

E logo o Pédevento e o Poizé se puseram a ladrar e a rinchar que era um assombro; e o rei e a princesa, pasmados e encantados, não tiravam os olhos dos animais.



Nãoterales ficou muito tempo sem poder falar. Não tinha olhos nem pensamentos senão para a princesa.

— Ai que linda princesa!
— dizia êle de si para si. —
Quem me dera a mim casar com ela!

Por fim, voltou a si e começou a falar com o rei que logo o levou e aos

seus companheiros para o palácio real.

Assim se foi passando um ano.

O mercador Ali Nanzuk, pai dos três rapazes, contava agora os dias, à espera de ver aparecer os filhos que tinha mandado correr terras e governar vida, a ver qual dos três se tinha

desembaraçado melhor.
Falando com os amigos, no
terraço da sua linda casa,
dizia êle assim:

— O mais velho dos
meus filhos, o Espantaratos
é soberbo, mas êste ano de
experiência deve ter-lhe
feito bem. O segundo,
Espirracanivetes é invejoso
e tem um génio levado da
breca; mas durante êste

ano inteiro s'ò zinho por
êsse mundo deve ter apren-
dido que nada se alcança
com maus modos. O ter-
ceiro, o Não terales, êsse
está sempre contente e tira
partido de tudo. Não sei o
que terá feito.

Ora naquele dia, fazia
exactamente um ano, que
os três rapazes tinham aba-
lado da sua terra e o pai

nunca mais tivera noticias dêles.

E, estando assim o mercador a conversar com os amigos, veio um criado dizer que estava ali à porta da casa uma pessoa que queria falar com o mercador Ali Nanzuk. Logo foi mandado entrar; e appareceu Espantaratos, coxo, esfarrapado e tão miserável que

nem os criados o tinham conhecido.

— Em que estado me apareces, Espantaratos! — exclamou o mercador.

— Que é da bôlsa de ouro que te dei e do bom Pédevento que levaste?

— Tinhas dinheiro à farta e podias ter feito um bom caminho.

Então Espantaratos con-

tou as suas aventuras e como a sua soberba o levava ao estado em que se encontrava. Passara muito tempo no hospital e gastara o resto do dinheiro para conseguir voltar para casa.

Mal acabara de falar quando chegou Espirracanivetes. Parecia um mendigo e vinha ferido e doente.

— O mundo é mau, — disse êle. — Quis fazer negócios e todos me enganaram. Quis vingar-me, mas todos me batiam. O que pode fazer um homem só contra a maldade do mundo?

O mercador não teve tempo de responder porque se ouviu um grande alarido na rua e Ali Nanzuk e os seus amigos correram para

a beira do terraço e viram no grande largo defronte da casa, um ror de gente que se aproximava a rir, a cantar, a soltar gritos de alegria. À frente vinha Não-terales com uma coroa de rosas na cabeça, montado no Pédevento e com o galo encarrapitado num ombro:

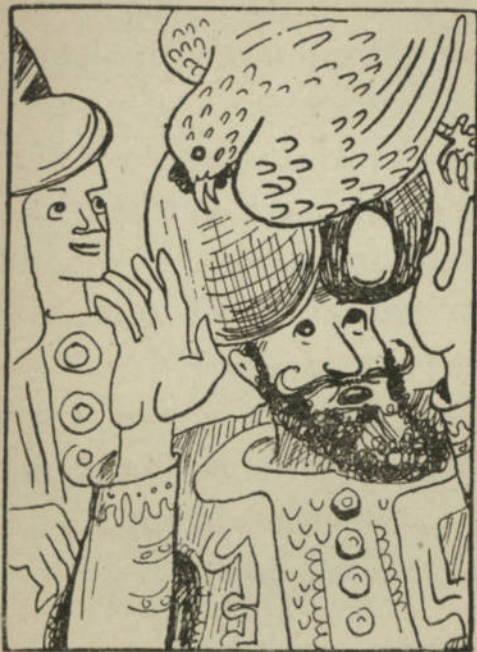
— Cocorico!

A galinha, que queria sempre fazer figura, levantou vôo e foi pousar no turbante do mercador; aconchegou-se, cacarejou, espremeu-se e pôs um ovo enorme de duas gemas no alto da cabeça de Ali Nanzuk, berrando a rebentar de presunção:

— Co... co... co... ci...
coquero!...

Nãoterales trazia à garupa uma princesa lindíssima coroada de rosas; e o Poizé aos saltos à roda do Pédevento ladrava de alegria.

Nãoterales apeou-se e ajudou a princesa a apear-se; depois, dando a mão à princesa subiram ambos a correr a escadaria da casa e foram beijar a mão de Ali Nanzuk.



—O que é isto? O que é isto?—dizia o mercador assombrado.

O ovo rebolara-lhe até às mãos. Olhava para o ovo e olhava para o filho; não percebia nada. Disse assim:

—Tu, Não terales, que saíste de aqui há um ano com um galo e uma mão cheia de moedas de cobre...

—Oh! meu pai—res-

pondeu Nãoterales muito pronto, —nem tanto seria preciso. O que é preciso é fé, e alegria, e coragem, e essas coisas tinha-as eu em mim. Passei muitos trabalhos e muitos perigos mas nunca desanimei...

E nisto a princesa disse:
—Desde que Nãoterales chegou à nossa terra, tudo melhorou. Ensinou o nosso

povo a trabalhar bem a terra e a servir-se dos animais, a pensar, e a desembaraçar-se. O rei, meu pai, ficou tão contente que logo me casou com Nãoterales.

Ali Nanzuk ouvia tudo aquilo com muita atenção e por fim disse assim:

—Vejo que Nãoterales é o mais habilidoso e melhor dos meus filhos e será êle

o herdeiro de tôdas as
minhas riquezas.

Mas Nãoterales respon-
deu logo que isso não devia
ser assim, porque os irmãos
tinham tido grandes lições
e que agora era preciso expe-
rimentá-los de novo.

Ali Nanzuk ficou a cis-
mar e por fim prometeu
esperar mais algum tempo
a ver se os outros dois

filhos se tinham emendado.
Depois disto ficaram todos
muito contentes e fizeram-se
grandes festas para celebrar
a volta dos três irmãos.

F I M



CONTOS DE ENCANTAR

(série Joaninha)

VOLUMES PUBLICADOS :

- | | |
|-----------------------------------|-----------------------------------|
| 1—João Feliz | 19—A cabeça da Medusa |
| 2—A Lebre e o Ouriço | 20—A Rainha das Abelhas |
| 3—Branca de neve e Rosa Encarnada | 21—O Rei das orelhas de burro |
| 4—João Fiel | 22—O Anel Mágico |
| 5—O Alfaiatinho Valente | 23—O Cãozinho Azul |
| 6—O Coelho matreiro | 24—Pinto Pintalegrete |
| 7—A orelha do diabo | 25—O Sonho do Pastorinho |
| 8—Vingança de Colibri | 26—O Mágico do Castelo das Nuvens |
| 9—O Dragão das escamas de aço | 27—A Burrinha Toleirona |
| 10—A Raposa e o Lobo | 28—Sempre Pronto |
| 11—A Pombinha branca | 29—As três bolas de sabão |
| 12—A última varinha de condão | 30—O coelhinho verde |
| 13—O nariz comprido | 31—A Menina Tartarug |
| 14—Os anões da floresta | 32—História de Alaric fel |
| 15—Sete varinhas de ginjeira | 33—História do P. Brutamontes |
| 16—As três engeitadas | 34—O Senhor Peludo |
| 17—A Bruxa do Bosque | Dama Cinzenta |
| 18—A Princesa encantada | |

LIVRARIA CLASSICA EDITORA